

Luto

Proposta inédita de performance na rua
Por Maicyra Leão

Enquanto luto contra meu analfabetismo da tecnologia da imagem, construo o traço, a cor, a textura e o ritmo de “Luto”, da forma mais primária de visualização: imagino.

Retomo referências de minha infância em Sergipe, quando assistia aos temerosos integrantes do “Parafusos”, grupo folclórico da cidade de Lagarto, que se vestiam com anáguas brancas, com rosto e chapéu também brancos, e ficavam girando ininterruptamente, fazendo referência às fugas dos escravos no Brasil Colonial, que roubavam do varal as anáguas de sua sinhazinhas e simulavam ser espíritos e fantasmas, para não serem pegos por seus senhores no ato da fuga.



Ao mesmo tempo, acompanho a cultura japonesa imergir na comemoração de seus 200 anos de imigração e re-encontro a prática corporal Butoh, que durante dois anos treinei e segui como mote de minha composição artística.



O Butoh, prática corporal difundida no pós-guerra, parte de um princípio em que o performer conecta sua intimidade a forças superiores e inconscientes, permeado pelo improviso do contato com o ambiente que o cerca. Conhecida também como “Dança da escuridão”, a prática vem sendo bastante difundida por aliar contradições entre o temor e o humor, a simplicidade e o mistério, entre outros. Tradicionalmente, seus praticantes pintam o corpo todo de branco, sem pêlos, e possuem movimentos retorcidos com sons guturais e de linguagem não compreensível. A boca, geralmente aberta, e os olhos revirados ou fechados, são marca constante dessa prática.



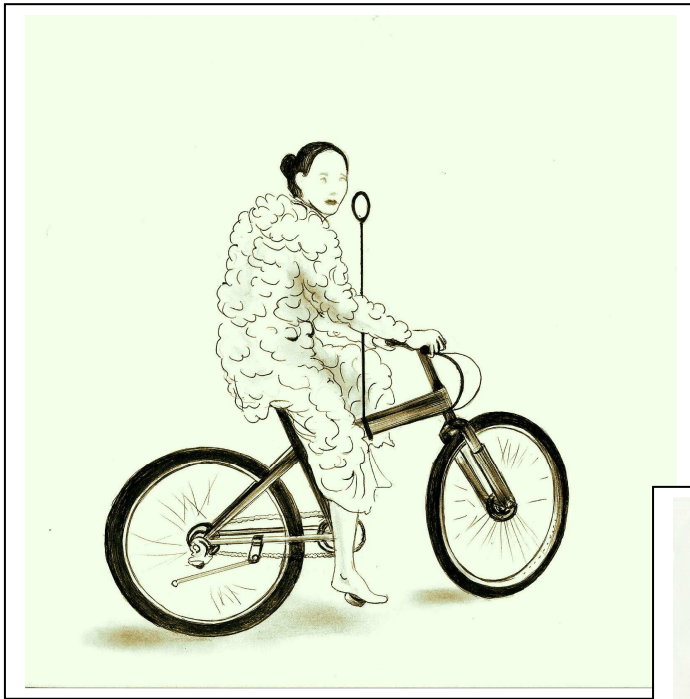
Descrição objetiva

Apresentação de performance em espaço público, com deslocamento pela cidade, e duração aproximada de 2 horas.

A proposta é criar um contraponto relacional com o ambiente da rua, através de uma figura humana completamente branca, com o corpo também branco, e roupa branca construída com toucas, descartáveis, de uso cirúrgico.

O interior de sua boca estará completamente tomado por tinta nanquim preta.

Essa figura irá circular pela cidade munida de uma bicicleta (também branca), de tamanho médio, com movimentos e tempo muito lento. A bicicleta será adaptada especificamente para a performance e, junto a ela, será acoplado uma esquadria que sustentará um pedaço de papel de arroz (na cultura japonesa conhecido como washi), que estará posicionado na altura da boca da performer. A proposta, já devidamente experimentada, é que esse papel “registre” a cor da respiração da performer ao longo de seu percurso.



Como argumento conceitual, acompanhando as investigações que venho realizando, a proposta de deslocamento e circulação pela cidade aliada à respiração como elemento vital materializado (marcas no papel), elucidam, além da temática direta da poluição atmosférica tendo em vista o uso de uma bicicleta em meio aos carros, aspectos de uma poética que é capaz de contaminar e ser contaminada, diretamente, pelos elementos do ambiente que a circunda, sejam eles os canos de escape e a fuligem dos carros, seja o contato com o público envolvido na ação.

A proposta é gerar uma ruptura no tempo-espaço individual dos transeuntes, que convivem anonimamente no espaço da rua, de forma a contribuir para uma possibilidade de conexão singela entre o seu íntimo e seu cotidiano, entre a razão da compreensão e a suspensão da surpresa, e entre a sua "dúvida" e as certezas dos demais, que deixam de ser anônimos e passam a ser cúmplices.